



OLIVEIRA, C. et al. **Aprendizagem e sofrimento: narrativas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

Maria da Conceição Azevedo<sup>1</sup>

O livro **Aprendizagem e sofrimento: narrativas**, produzido no quadro do projeto de investigação “Sofrimento, educação e saúde”, e em que participam investigadores portugueses e brasileiros, tem a finalidade de olhar o sofrimento como oportunidade de aprendizagem e crescimento pessoal. Nas palavras de uma das autoras, esta finalidade traduz-se, mais especificamente, no estudo das condições em que “o sofrimento humano se transforma em aprendizagem para quem o vivencia, quer na pessoa que sofre, quer no seu cuidador” (p.23).

A obra, com prefácio de Vítor Pordeus, médico e investigador brasileiro, divide-se em três partes, das quais a segunda (*Narrando experiências pessoais de sofrimento*), constituída por um conjunto de onze narrativas de sujeitos de doença, deficiência ou luto, ou que passaram pela experiência de sofrimento como profissionais de saúde, é a mais fascinante por trazer, ao leitor, o testemunho vivo, narrado na primeira pessoa, da articulação entre os dois conceitos-chave da obra.

A primeira parte (*Pesquisar complexamente a saúde no sofrimento*) dá-nos o quadro teórico em que se situam as investigadoras e, em

particular, este projecto, bem como a metodologia seguida para a elaboração da obra; a terceira parte (*Complexificando a aprendizagem do viver*) propõe-nos uma análise das narrativas, extraindo delas elementos para uma educação para o sofrimento, ou uma teoria da educação para o sofrimento, a construir.

O quadro teórico desta obra é fundamentalmente o dos autores do movimento da auto-organização (entre os quais, Bateson, Maturana, Varela, Atlan, Von Foerster), mas inclui outros que, por lhe serem anteriores ou não sendo filiados nesta orientação, fazem propostas que podem harmonizar-se com ela, mantendo a coerência. É o caso de Aaron Antonovsky e do seu modelo salutogénico. Assim, este livro enquadra-se numa abordagem epistemológica que reconhece o valor da experiência vivida por cada sujeito, incluindo o sofrimento, precisamente no que ela tem de individual e único, como ponto de partida e matéria de investigação científica, o que não significa atribuir, aos autores das histórias de vida, colaboradores imprescindíveis do projeto, a função de investigadores.

Coerente com esta perspectiva epistemológica, a metodologia utilizada

<sup>1</sup> Departamento de Educação e Psicologia, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. UTAD. Apartado 1013 5001-601 Vila Real, Portugal. mazevedo@utad.pt

é explicada nas páginas 40 a 43 e retomada, quanto aos procedimentos de análise, na página 129. Os procedimentos utilizados são adequadamente descritos e constituem garantia de integridade científica, nomeadamente no que se refere aos limites temporais para a recolha das narrativas, ao assegurar as condições para a coerência entre elas, a codificação e análise de conteúdo, assim como o respeito pela dignidade e demais direitos dos colaboradores.

As autoras selecionaram um conjunto de sujeitos em quem reconheciam que a experiência direta ou indireta do sofrimento proporcionara aprendizagens e solicitaram-lhes que redigissem um testemunho escrito sobre essa experiência no qual emergisse a resposta às seguintes perguntas:

“Qual a experiência da situação de sofrimento em questão?”; “O que mudou na sua vida depois dessa experiência que considere aprendizagem?”; “Qual a sua justificativa para essa alteração?” “Quais os acontecimentos em questão?”; “Como reconfigurou sua vida a partir desse sofrimento?”; “Fez alguma diferença, quanto à sua compreensão, dessa experiência na sua vida, tê-la narrado por escrito?” (p.41)

Para quem, quanto ao processo de construção do conhecimento científico, se situa numa perspectiva tradicional – o paradigma da modernidade –, um tal ponto de partida causa desconfiança e, mesmo, a suspeita de erro lógico: a convicção, por parte das investigadoras, de que os colaboradores realizaram aprendizagem em situação de sofrimento enviesaria a sua análise das narrativas por eles produzidas, e seria, por isso, autoconfirmatória. Uma tal crítica deixaria de lado o essencial deste trabalho. O que as autoras pretendem é

perceber o que distingue esse tipo de pessoas, pois, se conseguirmos detectar essa diferença, talvez possamos educar para que consigamos não só resistir ao sofrimento, mas também transformá-lo (olhos nos olhos, sem negação) em fonte de maior sabedoria. (p.24)

Os seus pressupostos podem resumir-se deste modo:

- a aprendizagem é sempre aprendizagem de alguém e enraíza-se na sua experiência vivencial (a sua existência);
- estrutura-se quando a pessoa é capaz de observar-se e narrar essa experiência para si mesma e, eventualmente, para outros.

O objectivo deste livro não era, portanto, verificar (ou confirmar) a existência de aprendizagem no (ou pelo) sofrimento, mas sim, como dissemos, identificar, nos sujeitos que a realizam, um conjunto de características distintivas, fundamentadoras de uma educação para o sofrimento.

A **terceira** parte do livro, de forma aliás coerente com o exposto na primeira secção, explicita sentidos que o sofrimento pode assumir, indo para além dos significados que, de um ponto de vista estritamente racional ou social, foram identificados por outros investigadores, como Cassell e Le Breton, como as autoras referem. A partir da análise das narrativas produzidas pelos colaboradores, reconhecem que o sentido do sofrimento:

- é “pessoalizado”, precisamente por estar imerso na história de vida de cada um;
- resulta de um processo, ou seja, . é progressivamente descoberto (não dado por outrem, nem encontrado de forma acabada), . mediante um trabalho de desenvolvimento espiritual que o próprio sofrimento de algum modo induziu, “testemunhando [...] um trabalho interior de flexibilização de seus padrões auto-organizativos, num caminho de espiritualidade crescente, onde o sofrimento não se opõe à vida, mas dela é parte integrante” (p.118).

Do ponto de vista do progresso do conhecimento, este livro é relevante na medida em que evidencia a relação entre o sofrimento (tão pouco estudado pelas dificuldades que acarreta) e o sentido interno de coerência (SOC), definido por Aaron Antonovsky, partindo, precisamente, da perspectiva que sobre a aprendizagem têm Bateson e outros autores do movimento da auto-organização. Esse conjunto de narrativas e a análise que as complementa, poderão, em nossa opinião, ser de grande utilidade na formação dos profissionais de saúde e

das profissões de ajuda, bem como na formação de cuidadores não formais.

Se é certo que os capítulos de índole mais teórica usam, sem definição de conceitos, certo jargão próprio da orientação epistemológica das autoras, e não foi feita uma homogeneização de estilo nos capítulos da primeira parte, nem por isso cremos que a leitura saia perturbada.

Esperamos que este grupo de investigação possa alargar o seu trabalho mediante a realização de novos estudos, quer de tipo comparativo, quer de natureza monográfica, aprofundando algum dos temas aqui abordados (doença, deficiência, luto ou sofrimento em contexto profissional) e outros que lhe sejam complementares.

Recebido em 22/11/12. Aprovado em 14/12/12.